

Gabriel Figueiredo e Flávio Tonnetti

Língua é realidade:

Vilém Flusser e a obra de Guimarães Rosa¹

“Somente renovando a língua
é que se pode renovar o mundo.”

Guimarães Rosa

I

Há um sentido em que somos criadores da realidade e há um sentido em que somos, da realidade, as suas criaturas. Mas a realidade em si, como algo puro e independente, não passa de uma abstração. Na acepção de Vilém Flusser, é na língua que se opera nosso universo e *é nela* – não apenas *por meio dela* – que somos criados e criamos. É na língua que damos luz ao mundo e somos por ele iluminados. É nessa perspectiva que se desenvolve sua afirmação – espantosa, poética, e difícil de ser assimilada à primeira vista – de que “língua é realidade”.

A língua nos permite fundar o mundo para que nos situemos nele e possamos existir constituindo e nos apoiando em redes de conversação que se formam pelos signos que projetamos sobre o mundo e também sobre nós mesmos. Participamos desse terreno enquanto somos também atravessados por ele – como solo no qual nós cultivamos ao mesmo tempo em que nos constituímos como parte dessa cultura. O que implica dizer que a língua incide não apenas como operador epistêmico, no sentido de orientar nosso pensamento, mas também como vórtice existencial em torno do qual elaboramos nossa performance ética, oferecendo parâmetros para nossos gestos. A própria experiência de existir passa a ser compreendida, portanto, integralmente, como uma experiência de linguagem².

Como operador máximo da língua, a literatura radicaliza a nossa invenção no mundo, ao nos oferecer repertório a partir do qual podemos nos formar como sujeitos, anunciando a criação não

¹ Este trabalho foi realizado com apoio financeiro do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Brasil.

² O conceito de língua, em Flusser, é bastante amplo, compreendendo “o conjunto dos sistemas de símbolos” (2007b: 245); portanto, não só o idioma, mas também as linguagens das artes plásticas e da música são consideradas por Flusser como “língua *sensu lato*” (2007b: 201). Embora neste texto nosso foco esteja voltado à “língua *sensu stricto*”, deve-se manter em mente essa concepção expandida de língua que constitui o pensamento de Flusser. O que outros pensadores chamam de linguagem, como termo mais amplo, está, portanto, contido no conceito flusseriano de língua.

apenas de um mundo externo, mas também a produção e o alargamento de nossos mundos internos, projetando nossa subjetividade para a *interface* entre o que é o dentro e o que é fora; entre o que é consequência e o que é causa de nós mesmos. A literatura, quando ocorre de ser um experimento radical de linguagem, permite que divisemos as fronteiras de nossos limites de existir, possibilitando, a partir do jogo com a linguagem e do rompimento das regras desse jogo, a experimentação de novas formas de dizer e de ser. Esse rompimento revela novos horizontes, abrindo-nos possibilidades de sentir e observar além do que parecia o limite do possível – a partir de fissuras que nos fazem experienciar ao menos uma parte do que nos parecia se situar além dos limites do articulável.

Não se trata, portanto, de observar a língua apenas em sua esfera protetora ou como superfície originária – como constituidora de uma pele ou membrana, como casca de um ovo, através da qual divisamos o mundo por entre as fissuras do invólucro quando o rasgamos –, mas como ferramenta subversiva a partir da qual podemos inventar novas formas de ser – expandindo o território do possível de modo a inaugurar projeções que ampliam as possibilidades do campo no qual exercemos nossa liberdade.

A relação estabelecida entre Vilém Flusser e Guimarães Rosa – um filósofo literato e um literato filósofo –, como interlocutores dedicados à elaboração do fenômeno linguístico, nos ajuda a compreender as interpenetrações entre filosofia e literatura, conforme bem as observou Benedito Nunes, outro interessado em ambos os domínios: “Marcadas por irreduzíveis diferenças, a filosofia e a literatura relacionam-se através da linguagem, como o elemento comum do pensamento de que ambas participam” (Nunes 2019: 460).

Mas que pensamento poderia ser esse? Talvez não se trate de *participarmos de*, mas de *sermos participados por*. Literatura e filosofia são o próprio pensamento. E se não há pensamento sem linguagem, então a literatura e a filosofia são terrenos a partir dos quais se elabora a própria linguagem. E se não há realidade sem pensamento, é na própria constituição da realidade em que estão empenhadas a filosofia e a literatura – mais do que isso até: ambas são úteros propulsores da própria realidade. É esse elemento comum, a língua – que não diz respeito apenas ao pensamento, mas à própria existência –, que nos permite estabelecer uma relação bastante abrangente entre filosofia e literatura. É também por vias dessa relação, vista de forma mais específica, que podemos aproximar Vilém Flusser e Guimarães Rosa, dois importantes representantes dessas vertentes de elaboração linguística.

Ambos atribuem à língua uma dimensão primordial, mas essa primazia da linguagem não a constitui como expressão de uma anterioridade – que seria o pensamento – dentro da qual filosofia e literatura participariam como manifestações exemplares. Isso marca uma diferença em relação à posição que o filósofo Benedito Nunes, grande interessado na literatura de Guimarães Rosa,

apontou em relação à linguagem. A diferença é grande o suficiente a ponto de impedir que Flusser pudesse endossar uma sentença como a de Nunes, para quem tanto a literatura quanto a filosofia, no trecho citado, participariam do pensamento, como esfera maior, por meio da linguagem; revelando, assim, um entendimento lógico que estabelece uma hierarquia a partir da qual literatura e filosofia estariam contidas no pensamento, como algo para além delas – ambas seriam, desse pensamento, as manifestações singulares que compartilham a língua como elemento comum. Uma das incompatibilidades dessa posição com a perspectiva flusseriana é que ela dissocia, ainda que sutilmente, pensamento e linguagem; enquanto que, para Flusser, a língua é condição do pensamento e, mais radicalmente, de toda a realidade – algo assumido como uma primordialidade ontológica (Flusser 2007b). É justamente partindo dessa perspectiva que Flusser irá revelar a obra rosiana como manifestação da língua criadora, para tratar a literatura como inauguradora de uma realidade; por isso mesmo, defenderá que a obra de Guimarães Rosa não é um exemplo de participação no pensamento como instância superior, mas elaboração do próprio pensamento, que não pode ser compreendido como algo separado ou independente da língua.

Guimarães Rosa, talvez não fosse necessário dizê-lo, relacionou-se intensamente com a língua, chegando a dizer, em seu célebre diálogo com Gunter Lorenz, que “a linguagem e a vida são uma coisa só” (Lorenz 1994: 47). E embora essa frase seja suficiente para demonstrar a primordialidade existencial dada também por ele à língua, há outra sentença que atesta melhor a dimensão do seu entusiasmo: “a língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente” (Lorenz 1994: 47). A língua, experienciada eroticamente, se torna, em razão disso, não apenas criativa, mas criadora. A língua em Rosa não é apenas criação, mas procriação – algo que rebenta da densidade de um corpo criador de novas realidades vivas.

É na relação também afetiva e procriativa que Flusser e Rosa estabelecem – com a língua e entre si – que percebemos a interpenetração existente entre as obras dos dois criadores. A inter-relação das obras foi enunciada pelo próprio Flusser e desenvolvida direta ou indiretamente em vários textos em que tematiza a obra de Rosa, nos oferecendo uma forma de contato para com a obra rosiana que nos coloca frente a seus próprios empreendimentos teóricos. Trabalhando elementos acerca do modo como Guimarães Rosa e Vilém Flusser percebem a língua, de como tal entendimento se apresenta em suas obras e de como as obras de cada um dos autores se inter-relacionam a partir do ponto de vista de Flusser – que acreditamos ter sido acolhido por Rosa como fermento na produção de sua obra – podemos perceber a força criativa desse encontro que, entre concordâncias e divergências, enriqueceu a obra de ambos.

II

A ideia da língua como mediação aparece na própria concepção flusseriana de que a humanidade nada mais é do que uma grande rede conversacional; cujos nós são constituídos pelos indivíduos; e cujos fios, unindo os intelectos em conversação, são os temas conversados (Flusser f: n.p)³. No entanto, não se trata de compreender a língua como mediação simplesmente instrumental, e sim como mediação que compõe nossa própria constituição. Constituímo-nos na língua, que é fenômeno social, coletivo; portanto, nos constituímos a partir das conversações que são estabelecidas com os outros nós. “A sociedade é real como conversação, e o homem é real como intelecto participando dessa conversação. Neste sentido, podemos dizer que a sociedade é a base da realidade, e que o homem é real somente como membro da sociedade. No entanto, nesta perspectiva, a língua se revela como sendo a essência (e não o instrumento) da sociedade” (Flusser 2007b: 54).

Com a imagem de uma rede em que os sujeitos compõem unidades nodais, a língua pode ser pensada não apenas como algo que informa, mas como algo que forma – deslocando a reflexão sobre a língua do campo meramente informacional ou computacional para um campo existencial e ontológico. A língua em que pensamos e que utilizamos como expressão do nosso ser – expressão do ser que é, ao mesmo tempo, seu próprio fundamento –, ao enformar e informar a realidade também incide sobre nós; o que implica dizer que, como seres constituintes dessa mesma realidade linguística, somos também enformados e informados. Reforçando uma tensão dinâmica da língua: algo que incide sobre nós, de fora para dentro, nos adensando, também nos atravessa, nos preenchendo.

Flusser aponta que é um erro projetar no mundo exterior a forma da nossa língua, pois há línguas cujas estruturas se diferenciam drasticamente e, portanto, não há como a estrutura da língua representar a estrutura do mundo exterior (2002a: 53-54). A língua e, em razão disso, o pensamento, não representam ou estruturam um mundo em si. A língua é o nosso mundo em si – e a realidade inteira está organizada à maneira da nossa própria língua⁴. Nosso intelecto é um “campo no qual

³ Referenciamos os textos de Flusser que não estão publicados em livro, e dos quais não pudemos identificar a data, por meio de letras minúsculas posicionadas após o nome do autor, de modo que se possa identificar o texto nas referências ao final. Todos esses textos foram acessados na base de dados do site Flusser Brasil, disponível no endereço eletrônico <http://www.flusserbrasil.com/>. Nas referências finais do trabalho, estão indicados os links exatos para cada texto específico.

⁴ Sobre isso, vale observar o que nos diz o próprio Flusser: “A posição ontológica que este trabalho se propõe investigar é a de que a realidade dos dados brutos é apreendida e compreendida por nós em forma de língua. Essa posição é radical, já que, se for aceita, a realidade em si dos dados brutos se torna inacessível e, neste sentido, vazia. No primeiro parágrafo ficou esclarecida a ociosidade de se querer falar nessa realidade em si. A língua deve ser aceita como o dado bruto por excelência, e suas regras devem ser aceitas como a estrutura da realidade. O conhecimento é resultado da observação dessas regras. A verdade absoluta, isto é, a correspondência entre língua e realidade em si, é tão inarticulável quanto o é essa realidade em si” (Flusser 2007b: 94-95).

ocorrem palavras organizadas por regras” (2002a: 52) e, sendo assim, a realidade varia para nós de acordo com as palavras e regras das línguas que utilizamos; é *com* e *no* significado de nossas palavras que o mundo exterior se apresenta para nós – “os dados brutos se realizam somente quando articulados em palavras” (Flusser 2007b: 57). Mas essa articulação se dá de forma dinâmica: não somos simplesmente produtos da língua, pois nosso intelecto, além de ser constituído por palavras, também as compreende, modifica e reorganiza – “o intelecto é, portanto, produto e produtor da língua, ‘pensa’” (Flusser 2007b: 49). Sendo assim, a língua não é um cosmos simbólico estático, mas “algo que cresce e se expande, e que cresce e se expande graças aos intelectos que participam da conversação” (Flusser 2007b: 98). A realidade do pensamento e da linguagem é, então, de uma ordem plástica – modificadora e modificável. E quem opera essa plasticidade no sentido de um alargamento ou de uma expansão é o poeta.

Em Flusser, os termos “poesia” e “poeta” funcionam como conceitos geradores e organizadores de seu pensamento. Esses conceitos são construídos buscando a recuperação do sentido etimológico das palavras gregas *poiesis* e *poietés*, para dar ênfase à *poesia* como produção e criação e ao *poeta* como agente “produtor” de realidades (Flusser f; Flusser 2007b).

Escrevendo ensaios em que lida com a obra rosiana a partir dessa perspectiva, Flusser considerou Guimarães Rosa como Verdadeiro Poeta (Ladusãns 1976: p. 501- 502 apud Costa 2017: 64). Vale lembrar que Flusser, em Bodenlos, sua autobiografia filosófica, dedica à Guimarães Rosa um dos capítulos da sessão “Diálogos”, em que se apresentam personagens – essencialmente amigos próximos – com os quais Flusser estabeleceu trocas fundamentais para o desenvolvimento de suas ideias, influenciando e sendo influenciado por eles (Flusser 2007a: 171-189). Em mais de uma ocasião, declarou que a obra de Rosa comprova suas teorias; por exemplo: “Sagarana e Corpo de Baile e, mais especialmente, Grande Sertão: Veredas são como que demonstrações in fieri das minhas teses em Língua e Realidade” (Ladusãns 1976: p. 501-502 apud Costa 2017: 64). Pensamos aqui na vantagem e no risco dessa situação, sobre os quais trata Benedito Nunes: “o que a filosofia pode conhecer da literatura é o que dela já se compreendeu antecipadamente, segundo a perspectiva em que se situa. Em princípio, isso proporciona o discernimento de novas dimensões da arte literária, dimensões de que as próprias obras se tornam instâncias de comprovação. Essa vantagem tem como contrapartida o risco de poder converter-se a literatura numa dependência da filosofia, numa ilustração de seus princípios, numa versão de teses gerais” (Nunes 2019: 460).

Na relação que se estabelece entre Flusser e Rosa esse risco é grande. Não se trata de um exagero retórico ou de um recurso estilístico trivial: Flusser, de fato, percebe na obra de Guimarães Rosa uma ilustração de suas teses – correndo, portanto, o risco de tornar dependente a obra rosiana. A própria filosofia de Flusser, no entanto, contorna essa situação, ou pelo menos a torna mais complexa. Vejamos como, noutra ocasião, a vantagem e o risco desse procedimento se manifestam

nas palavras do próprio Flusser: “Dou graças ao deus das línguas que permitiu o fenômeno Guimarães Rosa, como que para provar de forma prática as minhas teorias. O poeta é o único criador de realidade, e os demais esforços intelectuais são meramente epigônicos e parasitários, inclusive este artigo” (Flusser 2002b: 172).

Embora Flusser reconheça suas teorias na obra de Rosa, essas mesmas teorias atribuem primazia à poesia, pois tal filosofia propõe que a língua forma o intelecto e, portanto, o pensamento e a realidade (2007b); e longe de ser estática, é a língua “um processo de realização que tende a superar-se a si mesmo” (2007b: 158); e é justamente o *poeta* o agente da superação da língua. Deste modo, Flusser não torna dependente a obra rosiana, mas a glorifica. O risco de tornar a literatura dependente e ilustradora da filosofia pode ser visto, ao contrário, como demonstração da necessidade que a filosofia tem da literatura, uma atitude parasitária, invertendo-se assim a relação de dependência. As teorias de Flusser é que são, nesse sentido, a ilustração de princípios que advém da poesia e, portanto, dependem dela.

Além disso, a obra de Rosa não era tratada por Flusser unicamente como instância de comprovação de suas teses. Há, para Flusser, “duas possibilidades fundamentais de uma apreciação de uma dada obra literária: podemos compreendê-la como resposta, ou podemos tentar enfrentá-la como provocação” (2002c: 69). A primeira seria uma análise da obra, campo da crítica; a segunda, uma conversa, o campo da especulação. No texto “Guimarães Rosa e a Geografia”, ao explicar os porquês de escolher não citar trechos da obra de Rosa, Flusser usa como parte das justificativas a seguinte: “Não é visada uma crítica literária, mas um diálogo com Guimarães Rosa dentro do contexto da conversação geral que é o pensamento da atualidade” (d: n.p). Aqui compreendemos que a atitude assumida frente a obra de Rosa é a da especulação. Como pontuou Rachel Costa, “ele constrói ficções a partir da ficção” (2017: 74); e, por isso mesmo, também a escrita de Flusser acontece como expressão poética inaugurada nesse contato com o outro.

Essa dimensão do contato com o outro, que passa a constituir os interlocutores como nós na rede de uma dada cultura, permite compreendermos a importância que Flusser dá ao diálogo – que em sua autobiografia ocupa uma sessão de destaque. O diálogo funciona como um conceito revelador da linguagem como operador na constituição de si mesmo, mas também aponta para uma espécie de transcendência possível através da relação com o outro – numa superação de si mesmo para enfim realizar-se, estabelecendo uma aceção de conversação em que o encontro configura uma ocasião em que o *deixar de ser* passa a constituir-se como um *formar-se mútuo*.

Flusser não era propriamente um crítico literário, mas antes um pensador altamente sensível à arte em geral, que se aproximava das formas artísticas para especular a partir de seu deslumbramento – o que demonstra fidelidade à sua própria filosofia, que considerava o enriquecimento da língua como fator de primeira importância para o enriquecimento do mundo.

O encontro com as obras de arte permitia a Flusser estabelecer diálogos através dos quais podia se empenhar na busca pelo novo, como especulação criativa e alargadora da experiência.

III

Na filosofia flusseriana, a expansão do cosmos humano – que é um cosmos simbólico – acontece basicamente em duas camadas da língua: na poesia e na conversação. A poesia é a camada da originalidade; o poeta, como *lócus*, como corpo, “é o lugar onde a língua inspira o nada e o transforma em nova língua” (Flusser 2007b: 177). A conversação também expande a língua, não criando, mas reagrupando “palavras de acordo com as regras de diversas línguas em formações novas” (Flusser 2007b: 162).

Aqui nos interessa mais especificamente a camada da poesia e o seu agente poeta⁵. O poeta é aquele que fornece a matéria-prima para a conversação (Flusser 2007b: 175): provendo novos temas e direcionando a conversação para além dela mesma, permitindo assim o seu avanço (Flusser f: n.p). A ideia de que a conversação “avança” deve ser entendida aqui como um movimento de expansão, como uma ampliação de um domínio conhecido sobre domínios antes desconhecidos – o que afasta esse “avançar” de uma concepção positivista ou desenvolvimentista, cuja lógica seria o desenvolvimento linear rumo a uma determinação última. Se quiséssemos pensar a linguagem a partir de um *modus operandi* bem conhecido em outras perspectivas filosóficas, talvez pudéssemos dizer que a ampliação dos domínios do pensamento segue antes uma plasticidade rizomática⁶. O poeta avança para além das fronteiras estabelecidas pelos símbolos, ampliando-os; apresenta-se, assim, como um articulador do inarticulado, um ampliador dos horizontes da língua – caminhando na beirada de um abismo, e voltando-se ao inarticulado que o afronta, articula-o para não ser engolido por ele (Flusser f: n.p). Rumo ao indizível, o poeta amplia as fronteiras do entendimento e do real: os poetas são “aqueles intrépidos postos avançados no exército da conversação que aumentam o território conquistado ao caos” (Flusser f: n.p). Os poetas são, portanto, desbravadores: abrem caminhos na mata densa, perscrutam-na, para que os outros possam passar e tornar esse caminho um trilho batido. Sem o avanço dos poetas em direção ao inominado, a conversação paralisaria (Flusser f: n.p). Deste modo, o poeta renova o mundo, pois fornece novas formas, antes não pensadas, de organização da língua – de suas regras, de sua gramática – e novas

⁵ É interessante notar que Flusser define poesia, em “Língua e Realidade”, como “o esforço do intelecto em conversação de criar língua” (2007b: 173); em “Bodenlos”, no entanto, Flusser diz que “o poeta não cria língua, mas cria dentro dela e com ela” (2007a: 175).

⁶ O próprio Flusser afasta diretamente esse “avançar” da perspectiva linear e da ideia de que ele se desenvolve rumo a uma determinação última, ao dizer: “Ela [a conversação] avança em todas as direções, inclusive para trás” (Flusser f: n.p).

palavras – conceitos – (Flusser 2007b: 178) para que, então, um novo mundo, antes inarticulado e, portanto, inapreensível, seja posto diante de nós. Para Vilém Flusser, realidade é “aquilo que pode ser apreendido e compreendido” (2007b: 245). O poeta, arrancando língua do nada – articulando o inarticulado – e lançando-a na direção da conversação, para ser compreendida e apreendida, aumenta o território do real.

Sendo assim, a língua possui, para Flusser, força instauradora de realidade, em vez de simplesmente oferecer uma representação dela.

IV

Entre Vilém Flusser e João Guimarães Rosa, havia concordância de que a língua é o fundamento do Ser, e não meramente um meio ou instrumento de comunicação (Flusser 2007a: 182). Ora, se a língua é simbolização do mundo enquanto fundamento do Ser, e não mero instrumento, funciona como instância aprisionadora, pois estamos submetidos a ela involuntária e irrevogavelmente⁷ – “a casca dura do conceito e a palha seca da gramática prendem e oprimem o pensamento” (Flusser 2002d: 155). Tal aprisionamento, entretanto, se manifesta ambigualmente, porque a língua é também nossa única possibilidade de libertação. A *práxis* de Rosa frente a tal ambiguidade, o modo como Rosa demonstra *na* palavra e *na* sentença um universo ocultado pela estrutura da língua portuguesa – dilacerando nosso modo ordinário de pensar – é o que faz de Rosa um Verdadeiro Poeta, cuja obra Flusser considerava como “subversiva não apenas da língua”, mas “também do pensamento” (2007a: 174), o que compreendemos como uma conclusão necessária.

Guimarães Rosa é exemplo contundente da superação e libertação do pensamento, operado da única forma possível: por meio da superação da língua. Provendo às palavras nova luz, tornando insana a gramática normativa da língua portuguesa – “insanidade” que diz o que a “razão” não poderia dizer –, Rosa faz a língua ranger as dores de um parto paradoxal do qual nasce refeita ela mesma: é assim que Guimarães Rosa liberta o pensamento da opressão e abre veredas em direção ao inarticulado.

“Somos literalmente outros, graças às operações que ele efetuou no nosso pensamento”, escreveu Flusser. “Não apenas nós, o pensamento todo ficou e ficará alocado graças a Guimarães Rosa. [...] Ele abre para nós, por seus livros, janelas para o inefável – com efeito, ele é, para nós, uma janela para o inefável” (Flusser a: n.p).

⁷ Quando apontamos, como neste caso, que estamos presos à língua, que não podemos transpô-la etc., referimo-nos à impossibilidade do pensamento além da língua, seja ela qual for; ou seja, impossibilidade do pensamento *sem* língua – pois, para Flusser, o pensamento é língua –; não confundir a intransponibilidade da língua no sentido apontado com a possibilidade, prevista em Flusser, de ir além da língua no sentido de ir além de uma língua específica, por meio da tradução, ou de ampliar as fronteiras da língua, como fazem os poetas.

Rosa, aqui, recebe a imagem de operador do pensamento. Operação, ao remeter diretamente à ação intencional, é palavra adequada para um autor que afirma não haver em seus livros nada de “gratuito, disponível, nem inútil” (Rosa apud Nascimento 2014: 169)⁸. A palavra operação também guarda em si um significado militar, o que nos leva a um ponto central da obra rosiana: a guerra contra o diabo⁹. Os cenários de guerra ocupam várias páginas de “Grande Sertão: Veredas”, mas sabemos que a verdadeira guerra de Riobaldo é aquela empreendida dubiamente contra o Cujo, o Das-Trevas, o demonião. Para Flusser, o demo de Rosa é a língua intelectualizada e conceituada; o anti-intelectualismo nos esforços linguísticos de Guimarães Rosa o leva a violentar, triturar e moer a língua, este intelecto palpável, que, por ser intelecto, é o demo (Flusser 2002d: 159-160). Se acatarmos a especulação de Flusser, poderemos entrever que a guerra de Guimarães Rosa com a língua não é menos dubiosa que a de Riobaldo com o demo: ao “triturar” a língua, destruindo-a e recriando-a, não se tornaria Guimarães Rosa uma espécie de “pactário”, por acabar, em certo sentido, entregando-se ao “intelecto palpável” que enfrenta?

De qualquer forma, para o próprio Rosa, a língua é seu elemento metafísico (Lorenz 1994: 45), e é com ela que se pode vencer o diabo (Lorenz 1994: 48). Essas visões podem parecer opostas, mas pensamos que representam, em síntese, exatamente nossa relação com a língua; ela é, como intelecto palpável, o próprio diabo a ser violentado, ao mesmo tempo em que é o próprio elemento que possibilita a destruição de tal diabo – pois não há caminho fora dela. E deve ser violentada porque, ainda que a língua nos apresente o mundo, ela concomitantemente o encobre (Flusser 2017a: 206-207) – a proposta de triturá-la é o que nos abriria a possibilidade de ver e sentir além do que ela, tal qual se mostra para nós, nos permite ver e sentir. Nessa perspectiva, a atividade poética de Guimarães Rosa assume, de certo modo, um caráter negativo, ao lutar contra o caráter diabólico e alienador da língua, buscando descobrir o que ela mesma encobriu.

E é triturando e violentando a língua que Guimarães Rosa “opera” nosso pensamento, mostrando-nos essas possibilidades encobertas pela língua, abrindo-nos janelas para o inefável: à beira do inarticulado, Rosa o articulou e construiu a janela para o ainda indizível. A janela se situa frente ao indizível, porque, como poeta, está no limite da conversação, no ponto máximo do dizível, que antes era inarticulado. Se estendendo por essa janela, podemos agora pisar em solo firme, por meio das obras de Guimarães Rosa. O solo, embora firme, não é de fácil acesso – como nada o é à beira do indizível. E não o é porque a língua, em estado poético, está densa, de modo que o

⁸ Em carta de Guimarães Rosa enviada à Harriet de Onís, sua tradutora para o inglês, datada de nove de fevereiro de 1965. O documento faz parte do Fundo Guimarães Rosa (IEB/USP).

⁹ Esse sentido militar também é explorado por Flusser em metáforas usadas para pensar a expansão da língua e a ação do poeta, ajustando-se ao imaginário de ambos autores.

intelecto não pode analisá-la – porque está impermeável¹⁰. Tentar analisá-la significa, necessariamente, destruir sua qualidade poética (Flusser 2007b: 175). Rosa adensa e impermeabiliza o português, um português de todos os lugares, das bibliotecas, do sertão; detém-se também no mugido inarticulado das vacas e na ruminância das gramáticas de línguas várias¹¹. “O Rosa é como uma ostra: projeta o estômago para fora, pega tudo que tem a pegar, de todas as fontes possíveis, introjeta de novo aquele estômago, mastiga tudo aquilo, e produz o texto” (Campos 2014)¹², diz Guimarães sobre si mesmo, falando em terceira pessoa. Essa imagem da ostra que reúne em si aquilo que captura é bastante próxima à perspectiva flusseriana de poeta: alguém que contrai em seu próprio corpo um conjunto grande de conversações anteriores para, enfim, expurgar um discurso novo como resultado dessa deglutição – algo expresso por Flusser através da metáfora da respiração: um movimento de puxar para si, na inspiração, e de deixar sair de si, na expiração (f: n.p). No caso de Rosa, o que se incorpora, nesse movimento de inspiração e contração, é uma ampla variedade de formas: aquele português de todos os lados, os mugidos e relinchos dos animais de sua terra e as línguas das culturas mais variadas; tudo mastigado até que dessa pasta se possa extrair um português único, característico de Rosa, denso e impermeável – quase já não português.

V

“Deve ser notado”, escreveu Guimarães Rosa à sua tradutora para o inglês, “que, em meus livros, eu faço, ou procuro fazer isso, permanentemente, constantemente, com o português: chocar, ‘estranhar’ o leitor, não deixar que ele repouse na bengala dos lugares-comuns, das expressões domesticadas e acostumadas: obrigá-los a sentir a frase meio exótica, uma ‘novidade’ nas palavras,

¹⁰ Esta concepção da poesia como adensamento e impermeabilização da língua é proposta por Flusser a partir da língua alemã (2007b; f). *Dichtung* significa poesia, e *dichten*, impermeabilizar, tornar denso. Isso pode ser usado para corroborar o pensamento de Flusser, já que demonstra como as palavras que se traduz de uma língua para a outra não representam a mesma “realidade”. A palavra portuguesa poesia, por exemplo, traria outra imagem, que Flusser também desenvolve, analisando-a etimologicamente, em relação à palavra grega *poiein*, que ele traduz como “fazer”, “produzir”. Flusser sugere também um possível parentesco entre a palavra grega e a latina *ponere* (pôr), o que levaria a uma imagem do poeta como “um positor, que fornece a matéria prima para os compositores, isto é, os intelectos em conversação” (Flusser 2007b: 175). O que parece mero jogo com as línguas e com as palavras é, na verdade, expressão de sua epistemologia e ontologia. Utilizando as imagens oferecidas pelas línguas, Flusser constrói seus conceitos de poeta e poesia. Flusser diz: “A palavra *Dichtung* ilustra, portanto, a filogênese, o surgir da poesia. A palavra *poesia* ilustra seu funcionamento” (2007b: 175).

¹¹ “Guimarães Rosa se apóia tanto sobre o sertão como sobre a biblioteca. Viaja com os vaqueiros em busca de imagens e formas. Dorme com os bezerros para captar os ruídos e as imagens brutais que tendem a realizar-se na linguagem sertaneja. [...]”

Mas, simultaneamente mergulha nos compêndios, anota e compara formas da gramática latina, húngara, sânscrita ou japonesa para penetrar o tecido da língua e desvendar-lhe a estrutura.” (Flusser 2002d: 158).

¹² Este trecho foi transcrito de um relato de Haroldo de Campos sobre um encontro com Guimarães Rosa. Haroldo de Campos diz que Rosa objetivava a si mesmo ao falar de sua própria obra, referindo-se a si em terceira pessoa, como a elaborar um personagem sobre si mesmo.

na sintaxe. Pode parecer crazy de minha parte, mas quero que o leitor tenha de enfrentar um pouco o texto, como a um animal bravo e vivo” (Rosa apud Nascimento 2014: 170)¹³.

Guimarães Rosa explica-nos, de certa forma, um de seus métodos utilizados para não nos deixar repousar no lugar-comum das expressões domesticadas. Em seu conto “O espelho”, introduz, como elemento ficcional, exatamente um dos experimentos feitos por ele em toda sua obra, como que explicando sua atividade poética por meio de sua ficção – de sua realidade? – ao tratar da invenção de uma palavra italiana que foi criada pelos italianos para descrever um acontecimento atlético surpreendente que era impossível de ser descrito sem a criação de uma nova expressão: “Depois, o ‘salto mortale’... – digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram, mas por precisarem de toque e timbre novos as comuns expressões, amortecidas...” (Rosa 1994a: 442). À parte toda a complexidade e beleza do conto, dele nos interessa a consideração de que as expressões comuns, amortecidas, precisem de toque e timbre novos.

Em um dos variados tipos de experimentos rosianos – expresso em exemplos como “pondo os bois atrás do carro e os chifres depois dos bois” (1994a: 441-442); “de orelha com a pulga atrás” (1994b: 419); “tintim por de cor por tintim e salteado” (1994b: 416); ou ainda “Deu patas à fantasia” (1994c: 434) – cujo jogo talvez seja compreensível somente para falantes do português, e mais especificamente da variante brasileira da língua portuguesa, o que acontece é precisamente o avivamento de expressões gastas, amortecidas; ou, para mediar o diálogo entre Rosa e Flusser, é o avivamento de expressões decaídas em conversa fiada inautêntica, ou seja, expressões que se tornaram conversação frustrada, refletidas mecanicamente, não apreendidas e não compreendidas, porque gastas pela conversação geral, tornando-se detritos dela (Flusser 2007b: 167-168), mas que, ao serem manipuladas por um intelecto sensível, são reiluminadas de modo a fazer-nos sentir o poder “original” das expressões – que se havia perdido – em vez de simplesmente passar distraidamente por cima delas.

O posicionamento de Rosa – sobre o novo timbre dado às expressões amortecidas – se relaciona com sua alegação de que é um reacionário da língua: “Não sou um revolucionário da língua. Quem afirme isto não tem qualquer sentido da língua, pois julga segundo as aparências. Se tem de haver uma frase feita, eu preferia que me chamassem de reacionário da língua, pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem” (Lorenz 1994: 48-49).

É claro que, aqui, a noção de reacionário nada tem a ver com o uso comum do termo. Essa tentativa de expressar a língua como uma espécie de retorno à origem conversa mais com uma noção de vanguarda: trata-se de tentar resgatar da língua aquele espantoso assombro que somente

¹³ Carta de Guimarães Rosa enviada à Harriet de Onís, sua tradutora para o inglês, datada de dois de maio de 1959. O documento faz parte do Fundo Guimarães Rosa (IEB/USP).

o que é inaugural é capaz de produzir. Assim, o reacionarismo de Rosa funciona mais como uma espécie de brutalismo radical, como uma tentativa de retornar o pensamento às raízes do pré-linguístico, produzindo esse espanto de origem. É esse sentido de retorno que vemos também expressamente formulado por Flusser: “Porque aquela origem da língua que me interessa não se dá nas profundezas longínquas da história, do sistema nervoso ou do subconsciente, mas dá-se na proximidade imediata do meu Eu. É do núcleo mais concreto do meu Eu que a língua brota, como um gêiser, aos jatos e jorros. Sinto uma tensão em mim, uma tendência violenta para a articulação, uma intenção explosiva, e eis que deflagro em língua. Se pudesse captar o momento da explosão, esse momento fugaz no qual ainda não sou língua, mas já não sou inarticulado, se pudesse captar esse momento crítico entre o Outro caótico e o Eu ordenado por símbolos, teria captado a origem da língua”¹⁴ (Flusser 1967: n.p).

Noutra ocasião em que Guimarães Rosa nos fala sobre seu modo de escrita, desta vez de forma mais direta, diz: “há meu método que implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la ao seu sentido original” (Lorenz 1994: 46). Flusser chega a identificar uma espécie de teoria da linguagem em Guimarães Rosa, em que considera que a língua é “algo que tem a ver com a ordem espiritual que rege a realidade, e a poesia é essa língua catada no instante do seu surgir das profundezas pré-rationais dessa realidade” (Flusser e: 1). Essa consideração talvez nos ajude a compreender o que Rosa busca dizer com seu “sentido original”.

Embora Flusser não utilize a mesma expressão, também percebe a obra rosiana como limpeza de impurezas do cotidiano na tentativa de recobrar esse momento inaugural da linguagem em que podíamos experienciá-la como “explosão”, numa dissolução ou em um arrebatamento que, no entanto, não aponta para um plano espiritual, como em Rosa – ainda que possamos relacioná-lo a um certo misticismo, talvez decorrente de uma espécie de “judaísmo laico” que marca o pensamento de Flusser.

Esse modo imanente de encarar a obra de Rosa pode ser mais diretamente percebido no texto “Estilo de Guimarães Rosa”, no qual Flusser versa sobre a estrutura das frases de Rosa, focalizando a pontuação – aspecto visual – e a sintaxe – aspecto formal.

No tocante à pontuação, diz: “Os sinais de pontuação funcionam portanto de duas maneiras: abrem fendas na estrutura da frase e introduzem elementos estranhos nessas fendas. Mas a ritualização do uso dessas interrupções vela o seu caráter aos olhos do leitor, que passa por cima delas, já que a elas está acostumado. [...] Pois bem, Guimarães Rosa rompe a tradição, despreza as

¹⁴ O conjunto dessas reflexões se dá em contato com a obra da artista plástica Mira Schendel, que constrói uma série de obras em que imagens de letras e escrituras aparecem sobrepostas em camadas de papel translúcidos, compondo uma espécie de enxame alfabético. Esse ensaio nos dá uma noção bastante clara do procedimento dialético que Flusser estabelece com artistas de várias linguagens, para além da literatura.

regras e acaba com o rito. Coloca vírgulas, colons etc em lugares inesperados, e deixa de colocá-los nos lugares corriqueiros; por esse truque aparentemente simples esses ideogramas readquirem o seu caráter revelador e forçam o pensamento a movimentos deliberados. O efeito disto é uma espécie de um despertar de um sono dogmático (para falarmos com Kant), uma nova sensibilidade para o inarticulado. As pausas que as vírgulas inesperadas criam não somente alteram o ritmo do pensamento, mas surpreendem o pensamento para dar espaço a outras capacidades mentais, por exemplo a intuição e a fantasia. Mas o efeito é muito mais profundo. As frases de uma dada língua formam o esqueleto da realidade para o intelecto que nelas pensa. O esqueleto das frases em Guimarães Rosa, sendo anti-tradicional pelo seu uso das pontuações, tem como efeito o esqueleto de uma realidade diferente da conversação portuguesa. Lendo Guimarães Rosa somos mergulhados dentro de uma realidade nova, uma realidade criada por Guimarães Rosa. E criar realidade é sinônimo de poesia” (Flusser b: n.p).

No tocante à sintaxe: “Creio que o significado das frases da conversação corriqueira não está na sua correspondência com alguma realidade metalinguística, mas na sua própria estrutura. Essa estrutura, sendo gasta pelo uso excessivo, tem também o seu significado gasto. [...] Pelo truque sintático o autor nos abre uma nova avenida para a contemplação da coisidade, do ‘*eidós*’ da situação da qual nos fala. Mas aí tenho que introduzir um aviso. A coisidade que Guimarães Rosa revela não é a coisidade de uma coisa extralinguística, mas da própria palavra. Pelo seu uso revolucionário da estrutura da frase, o autor consegue fazer resplandecer a palavra como que rejuvenescida, como que recém saída de seu húmus. E é este o significado de suas frases. Assim, um truque aparentemente lúdico é, na realidade, um método fenomenológico, uma distância irônica, uma ‘*epoché*’ ante a palavra, para a qual o autor nos força” (Flusser b: n.p).

Esses trechos nos levam à centralidade da relação entre a obra rosiana, vista por Flusser, e seus próprios empreendimentos teóricos em relação à língua, mais especialmente os desenvolvidos em “Língua e Realidade”.

Para compreendermos o porquê de Flusser considerar Guimarães Rosa uma espécie de fenomenólogo, é necessário termos uma ideia do modo como o próprio filósofo encarava a fenomenologia – embora referencie Husserl, sua concepção é bastante particular. Rachel Costa, em seu texto “Ficção como fruto da falta de fundamento: a fenomenologia especulativa de Vilém Flusser”, trata justamente acerca do modo como Vilém Flusser compreende e utiliza a fenomenologia: “A fenomenologia é um instrumento de luta na construção do pensamento de Vilém Flusser. Isso se deve ao fato de que, para pensar o estranho, o exótico, é necessário brigar com a tendência do pensamento de tirar conclusões que têm como base teorias que já degingolaram, ou crenças socioculturais tratadas como dadas. A fenomenologia é o modo

encontrado por Flusser para levar a cabo a tentativa árdua de se desfazer das crenças, daquilo que acreditamos e em que confiamos, pois, ao se desfazer desse solo construtor de realidade, o filósofo se transforma em estrangeiro em sua própria terra” (Costa 2018: 2).

A fenomenologia, diz Flusser, “é a técnica do virar do pensamento contra si mesmo” (c: 1). Já que o intelecto, para Flusser, é língua (2002a: 52), a luta com o pensamento necessariamente é uma luta com a língua. E em que confiamos mais e utilizamos de modo mais “natural” que nossa língua materna? O que Guimarães Rosa faz é virar o pensamento contra si mesmo, virando a língua contra si mesma. Como? Rosa promove uma *epoché*, como suspensão do juízo, frente à língua portuguesa. Nessa *epoché* assumida por Flusser, no entanto, essa suspensão “não significa que todos os julgamentos anteriores (toda a história anterior da ciência, da política e das artes) sejam abolidos. Significa apenas que eles estão suspensos (‘colocados entre parênteses’), e que, uma vez que o mundo tenha ‘falado’, (uma vez que tenha mostrado o que é), os julgamentos suspensos podem ser aplicados a ele, para ver como eles aguentam o teste. Assim, ‘epoche’ não é uma negação de julgamentos prévios, mas um teste. Sendo assim, é uma renovação radical do conhecimento, experiência e valores prévios” (Flusser 2018: 4).

Deste modo, podemos compreender a razão pela qual Flusser considera Guimarães Rosa como uma espécie de fenomenólogo. A *epoché* de Rosa, “colocando entre parênteses” as determinações acordadas da língua portuguesa, produz frases que “são suficientemente próximas da estrutura tradicional para poderem ser assimiladas, mas também suficientemente novas, para criar uma nova aura de significado” (Flusser b: n.p). Não nega a gramática totalmente – pois aí seriam incompreensíveis seus textos –, mas tampouco preza pela sua observância: “não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A gramática e a chamada filologia, ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia” (Lorenz 1994: 35). São inimigas porque estão a serviço da cristalização da língua, da palavra, e quando cristalizadas, seus significados tornam-se gastos; deste modo, são adversários da poesia, já que ela é justamente a superação da língua. Guimarães Rosa diz: “O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas. Daí resulta que tenha de limpá-lo” (Lorenz 1994: 47). As montanhas de cinzas que ocultam o idioma são exatamente a estrutura gasta pelo uso excessivo, as regras que, ao serem cristalizadas, ocultam a palavra e limitam suas possibilidades – ao invés de fazê-la resplandecer. A limpeza da qual Guimarães Rosa fala é precisamente o que Flusser diz ser seu “método fenomenológico”. Tal limpeza promovida por Rosa é descristalizadora e rejuvenescedora do gasto. Sua limpeza é fenda. Ao operar a língua em uma nova estrutura, em um novo esqueleto, mostra-nos nova realidade, na qual a língua pulsa viva e poeticamente. Guimarães Rosa nos força à sua *epoché* porque, ao entrarmos em contato com um português que não segue a estrutura tradicional, que é o que confere para nós firmeza ao solo da realidade, ficamos desestabilizados;

somos *obrigados* a “colocar entre parênteses” as determinações acordadas da língua, nossos juízos prévios, para adentrar ao universo rosiano, pois caso contrário nada nele nos faria sentido. Quando se escreve, o “natural” é que se organize o pensamento na língua, de acordo com suas regras, adaptando-o quando não se encaixa corretamente na gramática; Guimarães Rosa não se adapta à língua, ele adapta a língua – *impõe na língua o pensamento*: pensamento este que *tem* de ser imposto à força, porque de outro modo não poderia realizar-se – a gramática normativa não o suportaria. Essa imposição do inarticulado na língua, em oposição à língua se impondo sobre o pensamento, é justamente o que diferencia a poesia da conversação.

VI

A revelação do oculto da realidade pela palavra – palavra como realidade própria – pode ser experienciada pela forma como Rosa compõe a forma de dizer do maior de seus personagens. Quando Riobaldo fala acerca de misterioso afeto que emerge do encontro arrebatador com Diadorim – “Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando, para não ter de tolerar de ver assim o chamado, até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, me adoecido, tão impossível” (Rosa 2019: 40) – vemos o descompasso da palavra à beira do abismo, Tateando a fronteira entre a correta sintaxe e a descoberta de um jeito de dizer o que não pode ser dito. Roberto Schwarz chega a sugerir que “com malabarismo, infidelidade e muita perda, seria fácil recompor nosso exemplo sem atentado à gramática”, apenas para reconhecer e ressaltar, imediatamente a seguir, que “a interpretação ficaria empobrecida de algumas ambiguidades e, particularmente, da qualidade lírica do texto” (Schwarz 2019: 443-444).

Nesse nível de discussão da língua, é possível que Flusser concordasse com a posição de Schwarz, mas é bem provável que apontasse que o efeito é ainda mais profundo. A questão é que a língua é símbolo, ou seja, “um universo que representa outro” (Flusser 2007a: 207). Como só podemos pensar dentro desse universo representador, o mundo é determinado por ele; “é ele”. Portanto, como pensamos e nos comunicamos *nesse* universo simbólico, acreditamos que ele é espelho do mundo, que ele é a própria ordem do mundo, quando, na verdade, ele é imposição dessa ordem; e, assim, nos apegamos ao universo representador como se fosse o próprio mundo exterior – daí a língua ser, para Flusser, “praga que age diabolicamente de dentro de nós para alienar-nos da realidade” (Flusser 2007a: 282). Guimarães Rosa, ao romper com a estrutura gramatical, sem com isso tornar-se sem sentido – isto, claro, se nos deixarmos levar à sua *epoché* –, rompe com o conservadorismo do nosso intelecto, que abarca o mundo de maneira convencionalizada na língua, pela tradição; ao mesmo tempo, demonstra-nos, na prática, como o próprio mundo se

transforma com a transformação da língua. Ao triturar a ordem da língua, que impõe uma ordem ao mundo, Guimarães Rosa nos mostra uma nova realidade, uma realidade rosiana.

E se podemos compreender as estórias de Rosa, que rompem com o esqueleto que enforma o mundo e nele nos orienta, passamos a duvidar, ou ao menos estranhar, a ideia da língua como espelho da realidade, já que, por meio de sua linguagem, estamos em contato com uma outra – não existente antes dele. É nesse sentido que Flusser considera a obra de Rosa como “comprovação de suas teses”: porque a vê como demonstração de que a estrutura da língua e a estrutura do mundo não são correspondentes e, mais do que isso, como demonstração de que a língua é criadora de realidade, não meramente sua representação.

Referências

- Campos, Haroldo de. Grande Sertão Veredas: Haroldo de Campos sobre Guimarães Rosa. Publicado em 02 mar. 2014 por Zekitcha Costello. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVTSZbWiyZA>. Acesso em: 02 jan. 2021
- Costa, Rachel. (2017). Vilém Flusser e a Filosofia da Literatura. *Artefilosofia*, v.12, n. 22, p. 63-76.
- Costa, Rachel. (2018). Ficção como fruto da falta de fundamento: a fenomenologia especulativa de Vilém Flusser. *Viso: cadernos de estética aplicada*, v.12, n.23, p. 177-188.
- Flusser, Vilém. (a). A Morte de Guimarães Rosa. Disponível em: <http://www.flusserbrasil.com/art24.html>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- Flusser, Vilém. (b). Estilo de Guimarães Rosa. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art19.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- Flusser, Vilém. (c). Fenomenologia. Disponível em: <http://www.flusserbrasil.com/aula60.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- Flusser, Vilém. (d). Guimarães Rosa e a Geografia. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art25.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- Flusser, Vilém. (e). Língua e poesia em Guimarães Rosa. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art161.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- Flusser, Vilém. (f). Poesia e verso. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art36.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- Flusser, Vilém. (1967). Indagações sobre a origem da língua. *Suplemento Literário*. O Estado de São Paulo. 29 de abril. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art230.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.
- Flusser, Vilém. (2002a). Da dúvida. In: FLUSSER, Vilém. In: FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras, p. 47-61.
- Flusser, Vilém. (2002b). Da flauta de Pã. In: FLUSSER, Vilém. *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras, p.167-172.

- Flusser, Vilém. (2002c). Esperando por Kafka. In: FLUSSER, Vilém. Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 69-82.
- Flusser, Vilém. (2002d) O “Iapa” de Guimarães Rosa. In: FLUSSER, Vilém. Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, p.155-160.
- Flusser, Vilém. (2007a). Bodenlos: uma autobiografia filosófica. 1.ed. São Paulo: Annablume.
- Flusser, Vilém. (2007b). Língua e realidade. 3.ed. São Paulo: Annablume.
- Flusser, Vilém. (2018). Sobre Edmund Husserl. Tradução de Mario Cascardo. Flusser Studies, n. 26.
- Ladusãns, Stanislaw (org.). (1976). Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos. São Paulo: Loyola.
- Lorenz, Gunter. (1994). Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. Ficção completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1, p. 27-61.
- Nascimento, Edna Maria Fernandes dos Santos. (2014). Gênese de uma obra e esboço de uma poética: a correspondência de João Guimarães Rosa. Letras de Hoje, p. 163-171, 2014.
- Nunes, Benedito. (2019). A matéria Vertente. In: ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 469-474.
- Rosa, João Guimarães. (1994a). O espelho (Primeiras Estórias). In: ROSA, João Guimarães. Ficção completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 2.
- Rosa, João Guimarães. (1994b). Pirlimpisquice (Primeiras Estórias). In: ROSA, João Guimarães. Ficção completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 2.
- Rosa, João Guimarães. (1994c). Sequência (Primeiras Estórias). In: ROSA, João Guimarães. Ficção completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 2.
- Rosa, João Guimarães (2019). Grande sertão: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Schwarz, Roberto. (2019). Grande Sertão: A Fala. In: ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 441-444.